

Alanac



Tendência dos laboratórios farmacêuticos nacionais

Serafim Branco Neto

Apesar das diversas dificuldades apresentadas pela conjuntura nacional na última década, as indústrias farmacêuticas de capital nacional vêm superando os obstáculos apresentados e estão conseguindo vencer os desafios.

Mesmo com suas características bastante peculiares e da extrema dependência de insumos farmoquímicos importados, o setor farmacêutico tem investido pesadamente em pesquisas e inovação tecnológica, e os resultados são percebidos nos números apresentados de faturamento.

Com um desempenho excepcional, aliado à reação do mercado, o setor tem previsão de investimentos cada vez maiores em máquinas, equipamentos e, principalmente, na qualificação de sua mão de obra. E o resultado disso se traduz no crescimento bastante considerável nesta última década das empresas de capital nacional, no contexto do mercado total, de 25,6% no ano de 2000, para 44,8% em 2009.

Proporcionando à população brasileira o acesso universal aos medicamentos inovadores, similares e genéricos, nossa indústria de capital nacional tem trabalhado incansavelmente em pesquisas e inovação tecnológica e no desenvolvimento de produtos de alta complexidade, contando com profissionais que trabalham na criação de novas formulações para o bem-estar do ser humano, até mesmo na exploração dos recursos naturais de nossa biodiversidade.

Os resultados desses investimentos já se mostram positivos, pois no período de 2000 a 2009, enquanto o mercado farmacêutico brasileiro cresceu 156%, o setor industrial farmacêutico composto por empresas de capital nacional cresceu 348%.

É importante ressaltar que além dos altos investimentos efetuados em novas tecnologias, por exemplo, a dos produtos dermocosméticos, o setor seguiu claramente o conceito dos medicamentos genéricos e procurou ofertar aos pacientes uma extensa linha de produtos para diversas enfermidades, mantendo a mesma qualidade e com preços 35% menores do que os dos medicamentos de referência. E se o objetivo era ampliar o acesso, tivemos o ingresso de mais 4,5% de consumidores no mesmo período, percentual ainda pequeno se comparado ao objetivo inicial da Lei de Genéricos.

Mas, nem tudo é um mar de rosas. O setor industrial farmacêutico brasileiro enfrenta atualmente o dragão da carga tributária, que o coloca no mais alto patamar mundial em recolhimento de impostos, posição não invejada por nenhum outro país.

Com isso, cerca de um terço do preço pago pelo consumidor é recolhido aos cofres públicos. Isso contribui, e muito, para a redução do acesso a medicamentos pela população.

Outro fator extremamente negativo e que provoca grandes distorções é o processo de monitoramento

e controle de preços conferidos aos medicamentos, nos quais, em uma economia de livre mercado, os principais formadores de custos desses produtos podem variar de empresa para empresa, dependendo do fornecedor, da oferta e/ou da quantidade adquirida sem nenhuma relação com o reajuste anual concedido ao setor (percentual único).

Tal situação coloca em um mesmo patamar diferentes empresas com diferentes composições de custos, o que causará no futuro grandes distorções de preços finais da cadeia.

Nesse cenário, perdas e ganhos individuais de produtividade, que poderiam ser repassados aos consumidores, são desprezados, e quanto mais tempo se passa, maiores são as distorções acumuladas.

Não bastassem esses fatores, as indústrias farmacêuticas de capital nacional têm como firme propósito incrementar a pesquisa e o desenvolvimento de novos medicamentos, seguindo os padrões internacionais de excelência. Esse fato demonstra um avançado estágio de desenvolvimento científico e tecnológico do setor, que, apesar de oneroso e sem apoio oficial, prossegue e permite-se prever uma significativa participação nas exportações brasileiras em um futuro bem próximo. ■

Serafim Branco Neto é Gerente-Executivo da Alanac – Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais.
E-mail: alanac@alanac.org.br